

Perdura ameaça de crise no PMDB

A exemplo do governo, o PMDB vive hoje em meio à grave crise de identidade política. Tudo começou quando o partido, comandado pelas suas principais lideranças, representadas por Ulysses Guimarães e Luiz Henrique, empreendeu a retirada do plenário da bancada que ambos lideram, na frustrada votação do Regimento Interno da Constituinte. Ficou visível a partir daquele episódio que o governo havia indicado como seu líder na Câmara o deputado Carlos Santana porque não confiava no líder que a bancada do PMDB havia escolhido, o deputado Luiz Henrique, por considerá-lo comprometido com as esquerdas que militam nas hostes do partido. Houve assim uma crise de confiança entre as duas partes, que não foi afastada com o acordo político em vias de ser celebrado em torno do Regimento da Constituinte.

De acordo com um parlamentar da esquerda do PMDB, o partido se encontra hoje dividido entre dois grupos: os que são leais ao presidente Sarney, e os que não são. O deputado Luiz Henrique, em virtude dos seus antecedentes políticos, passou a ser classificado como o anti-Sarney. E a sobrevivência política do deputado Carlos Santana, como líder do governo, estaria na dependência de Luiz Henrique. Criado o radicalismo das posições, um estaria se alimentando do outro e vice-versa.

Alega um parlamentar da esquerda do PMDB que essa classificação de leais e desleais não é cômoda nem confortável a nenhum dos dois grupos. Acresce ainda a circunstância de que dentro de menos de uma semana os 22 governadores eleitos pelo PMDB estarão tomando posse. Esses governadores, como irão precisar bastante do governo federal, vão pressionar suas bancadas para que procurem se ajustar, tanto quanto possível, ao perfil político do Palácio do Planalto.

Mais grave ainda — segundo os mesmos políticos — é que só há um meio de superar essa crise com a escolha para líder do PMDB na Constituinte de uma grande figura política de dimensão nacional. Essa personalidade, no entender dos que pensam assim, seria o senador paulista Mário Covas, com um passado de lutas em favor das oposições, líder do antigo PMDB na Câmara entre 67 e 68, ocasião em que teve interrompida sua carreira pública com a cassação do seu mandato e direitos políticos. Hoje, Covas se encontra de retorno ao Congresso, aureolado por uma votação de quase oito milhões de votos, como candidato vitorioso ao Senado por São Paulo.

ANC 88

Pasta 06 a 11

março/87

070

Mas não será fácil a Covas derrotar o deputado Luiz Henrique, como candidato a líder da Constituinte. Isso porque Luiz Henrique se encontra fortalecido por recente votação de sua bancada, que o consagrou como líder na Câmara. Acresce a circunstância de que como candidatos a líder um senador e um deputado, o espírito de corpo da Câmara irá prevalecer fazendo com que os deputados, em número esmagador, favoreçam Luiz Henrique. Funciona ainda contra Covas o fato de ser paulista. Dois outros filhos de São Paulo, o deputado Ulysses Guimarães e o senador Fernando Henrique Cardoso, ocupam funções políticas relevantes, o primeiro como presidente da Câmara e da Constituinte e o segundo como líder do PMDB no Senado. O que se perguntam alguns amigos íntimos de Covas é que quais teriam sido as razões que o levariam a submeter-se ao risco de uma derrota menor, quando tem todas as qualificações políticas para mais tarde situar-se como candidato a governador de São Paulo ou a presidente da República.

Adeus à soberania

Por mais que se tente dourar a pílula, não prevaleceu no PMDB a tese da soberania da Constituinte. O grupo que defendia o princípio foi derrotado. No primeiro episódio, quando não conseguiu que a Constituinte aceitasse a moção aprovada pela bancada do PMDB na Câmara, de defesa da soberania. Logo em seguida o grupo em questão iria sofrer seu segundo revés, ao ser recusada a proposta de exclusão da Constituinte dos senadores eleitos em 82. Finalmente, o projeto de "atos de decisão", para reformar a Constituição em vigor foi inteiramente descaracterizado. Na sua redação final os "atos de decisão" só podem ser usados para conjurar grave ameaça à Constituinte. No momento em que se caracterizar grave ameaça ao funcionamento da Constituinte, quais seriam os instrumentos, a não ser os de ordem moral, que ela teria para se defender? Eis a pergunta que os políticos se fazem, inclusive da esquerda, sem encontrar resposta.

No fundo, todos se renderam aos argumentos do governo de que a atual Constituinte é plena e soberana, mas para elaborar a nova Constituição brasileira. O resto é simples retórica.

Briga

Do deputado Wladimir Palmeira, do PT, num exame da presente conjuntura política: "O que há por trás disso tudo é uma só coisa: uma briga entre Sarney e Ulysses. O resto é paisagem".

Latão e Ouro

Do deputado amazonense Bernardo Cabral, do PMDB, analisando o acordo celebrado em torno dos "atos de decisão" no corpo do Regimento Interno da Constituinte: "Não adianta polir o latão com cor de ouro para apresentá-lo como tal. No fim ele sempre aparecerá como latão".

Mandato

Os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, do PMDB, acham que não há como disciplinar o problema da duração do mandato do presidente Sarney, a não ser nas disposições transitórias da futura Constituição do Brasil. Mas o deputado Luiz Henrique informou ontem aos jornalistas, depois de tomar o café da manhã com o presidente Sarney, que isso poderia ser estabelecido numa primeira fase, através de um acordo político no âmbito interno de cada um dos partidos.

Mudar o ministério

As principais lideranças do PFL continuam a insistir na tese de que é preciso reformar o quanto antes o atual ministério, inclusive na área econômica. Alegam que o presidente Sarney precisa ajustar seu ministério às novas condições políticas, decorrentes da posse no domingo dos 23 novos governadores.